

Aniello Angelo Avella

Università di Roma Tor Vergata

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Em ensaio publicado em Itália em 1954, Sérgio Buarque de Holanda estuda e exalta a contribuição italiana para a formação do Brasil, evidenciando o jogo de afinidade e diversidade entre as duas culturas, que se desenrola em uma trama de relações cuja origem está nas raízes comuns da civilização ocidental. A partir das considerações do autor de *Raízes do Brasil*, o presente ensaio visa a individuar elementos marcantes do intercâmbio entre as duas culturas, figuras e momentos decisivos na construção de uma “forma Brasil”, sem esquecer a importante mediação de Portugal. No âmbito de uma renovada geografia cultural das relações ítalo-brasileiras, o estereótipo do predomínio da influência francesa poderá ser revisto, sendo redimensionado como fenômeno de elite, enquanto a influência italiana se projetou em todos os estratos sociais.

Palavra-chave: contribuição italiana para a cultura brasileira. Personagens do processo cultural

Abstract

In an essay published in Italy in 1954, Sérgio Buarque de Holanda studies and enhances the Italian contribution to the formation of Brazil. He highlights the interplay of similarities and differences between the two cultures, which takes place in a web of relationships whose origin is in the common roots of Western civilization. *Raízes do Brasil*, this paper aims to identify characteristic elements of the exchange between the two cultures, decisive figures and moments in the construction of a "form Brazil," without forgetting the important mediation of Portugal.

Key-words: Italian contribution to Brazilian culture. Personalities in the cultural process.

Uma época ainda pouco estudada da biografia intelectual de Sérgio Buarque de Holanda é o período que ele viveu na capital da Itália. Titular da Cátedra de Estudos Luso-Brasileiros na faculdade de letras da universidade “La Sapienza” entre 1952 e 1954, o “pai do Chico” (ele próprio, com auto-ironia, costumava apelidar-se desta forma) desenvolveu intensa atividade cultural em cooperação com a embaixada do Brasil e realizou pesquisas em bibliotecas e arquivos de Roma, Florença, Veneza; tais investigações lhe forneceram o patrimônio bibliográfico do qual surgiria uma obra de grande vulto como *Visão do Paraíso* (1959), e numerosos ensaios publicados em jornais e revistas nos anos imediatamente posteriores ao seu retorno ao Brasil. Estes textos podem ser lidos nos dois volumes de *O Espírito e a Letra. Estudos de Crítica Literária*, organizados por Antonio Arnoni Prado (1996). Outros, ainda, ficaram guardados durante muito tempo numa gaveta, embora estivessem organizados segundo um plano que sugeriu a Antonio Candido a sensação de “uma obra,

referente na maioria absoluta à épica e ao Arcadismo, em redação praticamente definitiva”. Assim lemos no prefácio do livro organizado e publicado por ele em 1991, com o título *Capítulos de Literatura Colonial*, onde sublinha a importância dada por Sérgio à influência das letras italianas no Brasil (BUARQUE DE HOLANDA, 1991, p.7).

De fato, nos ensaios dos anos 1950, são freqüentes as expressões do tipo: “Quando se pretenda estudar a significação e a amplitude da influência italiana sobre as letras brasileiras [...]”, ou “Quando se considerem os efeitos da influência multiforme e ainda mal estudada que exerceram as letras italianas no Brasil [...]” (BUARQUE DE HOLANDA, 1996, pp. 611-615). Especial ênfase é reservada à apreciação da Arcádia Romana neste contexto, considerada como um dos principais fatores da influência italiana na formação brasileira.

Poucos meses antes de deixar a Itália, Sérgio organizou um número especial da revista *Ausonia*, publicada na cidade toscana de Siena. Aos leitores é oferecido um rico panorama de contos e ensaios de autores como Machado de Assis, José Lins do Rego, Sérgio Milliet, Barreto Filho, junto a uma “Antologia Mínima” de poesias (Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Lêdo Ivo). Como apresentação, Sérgio escreveu um ensaio intitulado “Apporto Italiano nella Formazione del Brasile”, no qual ele evidencia o jogo de afinidade e diversidade entre as duas culturas, que se desenrola em uma trama de relações cuja origem está nas raízes comuns da civilização ocidental. Tal ensaio teve uma nova edição, bilíngüe, em 2002, com o título em português “A Contribuição Italiana para a Formação do Brasil”.

A cultura e a literatura do Brasil, mesmo na sua especificidade americana, afirma o autor, pertencem ao sistema de “costumes, idéias, normas de vida e instituições, principalmente de origem européia, e que tiveram em Roma o seu primeiro e grande centro de expansão” (BUARQUE DE HOLANDA, 2002, p.9.).

No jogo das relações entre Itália e Brasil, a mediação de Portugal não pode ser esquecida. A característica claramente mercantil da colonização portuguesa, ligada inicialmente ao pau-brasil, apresenta-se, segundo Sérgio, como “um prolongamento, através das grandes rotas do Atlântico, da ação dos seus mestres: os navegadores italianos da Idade Média” (BUARQUE DE HOLANDA, 2002, p.61); e a façanha de Vasco da Gama que chega à Índia por via marítima, afirma, “realiza finalmente a proeza tentada, já em 1291, por Ugolino e Valdino Vivaldi, ambos genoveses” (p.67). A partir destas considerações do “Mestre de Mestres” (segundo a definição de Gilberto Freyre), compreendemos como as primeiras linhas da geografia cultural ítalo-brasileira passam necessariamente através da presença lusitana: é sabido, pois, que a participação do capital italiano (especialmente de genoveses e florentinos) na expedição de Pedro Álvares Cabral foi muito expressiva. Também bastante conhecidas são as cartas de Américo Vespúcio, que contribuíram para construir a imagem edênica da terra recém-descoberta. Homens como o genovês Filippo Adorno, em São Vicente, ou o florentino Filippo Cavalcanti, em Pernambuco, adquiriram logo na fase inicial da colonização singular relevo.

Já o jesuíta de origem italiana João Antônio Andreoni (Giannantonio Andreoni, nascido na cidade de Lucca, Toscana, em 1650), publicou em Lisboa o livro *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas* (1711), obra considerada expressão da chamada “literatura ufanista” por exaltar as grandezas, belezas, riquezas das terras brasileiras.

Alguns anos mais tarde, em 1753, o arquiteto Antonio Giuseppe Landi, de Bolonha, desembarcou em Belém, onde construiu o maior edifício civil do período colonial: o “Palácio dos Governadores”. São de sua autoria os projetos do hospital militar e das mais importantes igrejas da capital do Pará.

Os italianos Andreoni e Landi, com suas contribuições em diferentes campos de atuação, podem ser considerados “construtores-pioneiros” de uma **forma-Brasil**, que no século XVIII começou a tomar relevo cada vez mais evidente face às atitudes hegemônicas da metrópole portuguesa.

Neste mesmo século XVIII, o italiano Pietro Metastasio – com certeza o poeta mais famoso da época em toda a Europa (foi poeta oficial da casa imperial da Áustria) – exerceu profunda influência sobre os intelectuais que, no Brasil, se reuniam nas várias academias, cuja visão estética se fundava nos princípios da chamada “Arcádia Romana”. A “Arcádia”, como se sabe, era um grêmio inspirado e patrocinado inicialmente pela brilhante Cristina, rainha da Suécia entre 1632 e 1654, ano em que abdicou e se mudou para Roma. Nesta cidade ela ‘reinou’ no campo da cultura e fundou a “Academia Real” (1674), da qual surgiu em seguida a “Arcádia”.

No Brasil, os adeptos da “Arcádia” começaram a pregar os princípios da liberdade e da independência, que seria conseguida em 1822. Muito interessantes, a propósito, são algumas observações de Sérgio, que evidenciam como as letras italianas foram consideradas seja em Portugal, seja no Brasil, uma alternativa à expressão empolada, retorcida, apresentada como particularidade espanhola. Ele afirma que, graças ao contato com os italianos, os portugueses imaginavam poder alcançar, no campo literário, a mesma independência que, nos confrontos com a Espanha, já haviam conquistado no campo político desde 1640. Quanto ao Brasil,

Se, ao descobrirem os italianos, os autores de língua portuguesa pensavam ter reencontrado a si mesmos, também se pode dizer, por um caminho idêntico, que os autores brasileiros se sentiam em condição de afirmar a sua autonomia em relação a Portugal. Na segunda metade do século XVIII começa a se manifestar entre esses autores, quase todos educados sob a influência de uma instituição importada da Itália, as academias literárias, e ainda de outra criação italiana, a Arcádia, um sentimento de maturidade que não tardará a passar das letras à política. (BUARQUE DE HOLANDA, 2002, p. 105).

Desde o princípio do século XIX, grupos de imigrantes italianos começaram a se instalar na região do Rio de Janeiro, formando o que pode ser considerado o primeiro núcleo de italianos no Brasil. Era, de fato, justamente na Baía de Guanabara que atracavam quase todos os veleiros provenientes do outro lado do oceano, e era na Ilha das Flores que os imigrantes eram obrigados a transcorrer o período de quarentena. Esse núcleo, formado inicialmente por pessoas procedentes das regiões da Liguria e da Toscana, viu aumentar sua importância em seguida ao casamento entre D. Pedro II e Teresa Cristina Maria de Bourbon, irmã de Ferdinando II, soberano do Reino de Nápoles (1843). Foram lançadas, assim, as raízes da grande comunidade de “*oriundi*”, hoje a maior colônia de origem italiana no mundo. Usando a famosa expressão de Antonio Candido, pode-se dizer que o

Segundo Império foi um “momento decisivo” na construção do sistema de relações sociais e culturais entre Brasil e Itália.

Curiosamente, a Imperatriz napolitana do Brasil, totalmente ignorada na Itália, é pouco e mal conhecida também na sua terra de adoção, apesar de ter vivido nela por quase 50 anos.

Esposa do imperador chamado de “filósofo”, pelas suas grandes qualidades intelectuais, foi reduzida à dimensão de uma sombra do consorte. Segundo a escassa bibliografia que lhe foi até agora dedicada, ela seria uma figura apagada, submissa, de pouca cultura e, para completar, sem maiores encantos no aspecto físico. Ficou “hibernada”, na memória histórica, como a “Imperatriz Silenciosa”, a “Mãe dos Brasileiros”.

Trata-se de uma clamorosa injustiça da historiografia. De fato, ao consultarmos as suas cartas, os diários e outros documentos, quase todos inéditos, descobrimos uma figura completamente diversa da imagem estereotipada.

Personalidade forte, rica em interesses artísticos e culturais, Teresa Cristina Maria era dotada de grandes conhecimentos no campo da arqueologia. Quando casou com D. Pedro, ela levou de Nápoles uma importante coleção de arte pompeiana. Estando no Brasil, mandou realizar numerosas campanhas de escavações em áreas de sua propriedade nos arredores de Roma, numa aldeia chamada Veio, onde foi encontrada uma necrópole etrusca. Magníficas peças pompeianas e etruscas encontram-se hoje expostas ao público no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.

Ainda no campo da arqueologia, é de sublinhar-se o elevado significado simbólico de uma iniciativa tomada pela Imperatriz. Ela estabeleceu um intercâmbio, primeiro com seu irmão Ferdinando II e, depois da queda do Reino de Nápoles, com as autoridades do novo estado que surgiu na Itália: objetos de arte indígena brasileira eram enviados em troca de objetos utilizados pelos antigos povos itálicos na vida cotidiana, com uma preocupação etnográfica notável para a época. Formou-se, assim, o importante fundo brasileiro do “Museo Preistorico e Etnografico Luigi Pigorini” de Roma, um dos maiores da Europa. (AVELLA, 2003 e 2004).

Seriam suficientes estas considerações para concluir que Teresa Cristina Maria, a “Imperatriz Silenciosa”, tem sido na realidade uma “mulher silenciada”, cuja ação foi elemento dinamizador de eventos de grande vulto. Graças a algumas iniciativas da Imperatriz, o Rio de Janeiro tornou-se ponto de partida e de chegada de inúmeras travessias entre Itália e Brasil, nos campos da música, da literatura, do teatro, das artes plásticas, com evidentes implicações políticas e sociais. Através da atuação dela, as tradicionais, variadas e esparsas influências italianas no Brasil deixaram de ser episódicas para se tornarem sistêmicas.

Quando se deu o fenômeno da grande imigração no período entre 1887 e 1901, os que chegaram ao Rio de Janeiro eram em sua maioria meridionais, procedentes das províncias “de Cosenza, Potenza e Salerno e, em número menor, de Nápoles, Caserta e Reggio Calabria” (TRENTO, 1989, p. 102), que haviam pertencido ao Reino de onde Teresa Cristina Maria era originária; eles se assinalaram em todos os setores da vida social, dando um contributo essencial na modernização da cidade.

Devemos à socióloga Cléia Schiavo Weyrauch um valioso trabalho sobre a presença no Rio de Janeiro dos oriundos da Itália do Sul, em particular os que criaram a “Piccola Calabria” na Baixada Fluminense e a “Calabria Carioca” no bairro de Santa Teresa (SCHIAVO WEYRAUCH, 2009). Ela “pinta” um retrato colorido no qual aparecem figuras eminentes, que fizeram sucesso, como, por exemplo, os irmãos Antonio e Giuseppe Jannuzzi, e os modestos “scalpellini” ou os alfaiates vindos da pequena cidade de Fuscaldo; os trabalhadores da citricultura e da produção de carvão que atuaram na atual Baixada Fluminense e ainda os operários do complexo têxtil da Gávea Fabril, onde uma rua era chamada “Baixa Itália”, hoje Pacheco Leão, e os jornalheiros que continuam guardando cada esquina da cidade.

No campo dos estudos sobre a imigração, a maioria absoluta das obras publicadas focaliza a atenção sobre São Paulo, capital e estado: nem por acaso, chamou-se aquela região de “*Hesperia* nos Trópicos”, recordando que *Hesperia* era o antigo nome da inteira península itálica.(DE BONI, 1987)

Outras áreas geográficas também são objeto de pesquisa, voltadas para a análise quantitativa e dos aspectos lingüísticos e antropológicos das várias comunidades de “*oriundi*”: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Espírito Santo. Praticamente esquecidos ficaram, da parte dos pesquisadores, os descendentes de italianos no Norte e Nordeste do País.

A lacuna mais clamorosa, contudo, é a relativa à cidade e ao estado do Rio de Janeiro. Excetuando, pois, poucos, interessantes trabalhos (BRAGANÇA, 1999; VANNI, 2000), a bibliografia até hoje produzida é modesta, contando apenas com opúsculos, livrinhos e artigos que relatam memórias pessoais ou de família, episódios específicos, diários de viagem.

Embora negligenciados, em relação aos conterrâneos que se dirigiram para São Paulo e para o Sul do País, os imigrantes italianos, que permaneceram na capital carioca e no interior do estado, representam uma coletividade de notável interesse, conforme demonstra o livro de Cléia Schiavo Weyrauch.

De fato, é inegável que São Paulo tenha sido, nas primeiras duas décadas do séc. XX, uma cidade eminentemente italiana. Nos bairros de Bom Retiro, Brás, Bela Vista falava-se o “íalo-paulista”, um curioso, ‘*patois*’, cuja memória permanece no divertido livro de Juó Bananeri (pseudônimo de Alexandre Marcondes), *La Divina Incrénca* (1924), título que evoca de forma macarrônica a obra imortal de Dante Alighieri.

Francesco Matarazzo e sua família, pioneiros da grande indústria paulista, foram entre os mais atuantes no fomento das artes. Já Antonio Piccarollo, um intelectual italiano que chegou ao Brasil em 1904, redigiu e publicou em 1908 o *Manifesto para o Centro Socialista Paulista*. Ainda no campo da cultura e da ação política, bastante forte foi, inicialmente, o impacto dos anarquistas italianos na criação de centros operários. No mundo artístico, figuras eminentes do movimento que explodiu na famosa “Semana de Arte Moderna” realizada em São Paulo em 1922 têm origens italianas (Menotti del Picchia, Anita Malfatti, Cândido Portinari, Brecheret etc.).

Antônio de Alcântara Machado, um dos maiores representantes do movimento modernista, publicou em 1928 o livro de contos *Brás, Bexiga e Barra Funda*, magnífico retrato da vida dos italianos de São Paulo.

As duas visitas ao Brasil (Rio e São Paulo) em 1926 e 1936 do fundador do “Futurismo”, Filippo Tommaso Marinetti, provocaram notável repercussão tanto no meio intelectual quanto no meio popular.

A intensidade das relações ítalo-brasileiras foi reforçada, na década de Trinta, pela simpatia recíproca entre o “Estado Novo” de Getúlio Vargas e o regime de Mussolini. Um sinal, entre os muitos possíveis, é a presença na Universidade de São Paulo de um dos maiores poetas italianos do século passado, Giuseppe Ungaretti. Ele atuou como professor de literatura italiana de 1936 a 1942, ano em que foi obrigado a retornar à Itália devido ao conflito mundial. Ungaretti sempre guardou um carinho especial pelo Brasil

Após a ruptura do período bélico, os antigos laços de amizade foram logo retomados, as relações bilaterais se normalizaram, a emigração da Itália para o Brasil recomeçou, ainda que de maneira menos expressiva em relação à da primeira fase. Nesse contexto, os intelectuais tiveram um papel fundamental; a chegada em 1946 de Lina Bo Bardi e seu marido Pietro Maria, criadores do MASP a convite de Assis Chateaubriand, faz parte do quadro de renovado interesse recíproco, que viu – do outro lado do Atlântico – a inauguração da cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma (1953), confiada ao diretor do “Museu Paulista”, Sérgio Buarque de Holanda, e depois ao poeta Murilo Mendes, oriundo de Minas Gerais.

Giuseppe Ungaretti, por sua vez, em 1954 esteve de novo em São Paulo, onde proferiu uma memorável conferência no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, apresentando as suas traduções da poesia de Mário de Andrade. E Ungaretti, o nosso poeta que cantou o Tietê, o rio de São Paulo, foi um admirador do Cinema Novo brasileiro, movimento que sofreu enorme influência do Neo-realismo italiano.

Em 1948 o engenheiro Franco Zampari, nascido em Nápoles, como amante do teatro que era, fundou o “Teatro Brasileiro de Comédia”. O ator italiano Adolfo Celi foi chamado a dirigir a nova instituição, e mais tarde outros diretores vieram: Ruggero Jacobbi, Flaminio Bollini, Luciano Salce.

Em 1949 Ciccillo Matarazzo, da famosa família de industriais, abriu o “Museu de Arte Moderna” (MAM) e contemporaneamente Zampari fundou a primeira companhia brasileira de produção cinematográfica: a “Vera Cruz”. Em 1950 a “Vera Cruz” produziu o filme *Caiçara*, sob direção de Adolfo Celi, um filme claramente influenciado pela estética neo-realista. Celi retornou à Itália em 1961 e fez sucesso a nível mundial como ator de cinema, a partir da série de James Bond, ao lado de Sean Connery.

Estas verdades factuais, todavia, não justificam o descuido da historiografia em relação à presença italiana no Rio de Janeiro, cujo peso na vida social e artística tem sido notável a partir da chegada da Imperatriz Teresa Cristina Maria.

Resgatar a memória da Imperatriz napolitana, portanto, significa realizar a releitura crítica de um período histórico cristalizado em interpretações parciais e lacunosas. Enquadrada a raiz cultural dos que chegaram ao Brasil da antiga “Magna Grécia” através da figura da soberana, será mais completa a apreciação de numerosos artistas como Angelo Agostini, os irmãos Bernardelli ou ainda Eliseu D’Angelo Visconti, nascido numa aldeia próxima da cidade de Salerno, na região de Nápoles.

Uma nova geografia cultural das relações entre Brasil e Itália, sem esquecer a importante medição de Portugal, pode ser delineada com base em perspectivas hermenêuticas diversas das tradicionais.

Em relação ao fenômeno migratório, é necessário ampliar os horizontes, considerando com maior atenção regiões até agora pouco estudadas, em primeiro lugar o Rio de Janeiro.

A presença italiana aqui, apesar de menos numerosa do que em São Paulo, não deixa de ser da maior importância do ponto de vista qualitativo.

A antiga capital do Império foi o palco onde atuou, entre outros, uma das figuras que, apesar de pouco conhecida, foi das que mais fizeram a história das relações ítalo-brasileiras.

Em 1851 desembarcou na Corte uma bailarina italiana já com fama de estrela a nível internacional. Maria, ou Marietta, Baderna pertencia a uma família da alta burguesia da cidade de Piacenza, onde ela nascera em 1830. Seu pai, médico, era seguidor de Giuseppe Mazzini e a própria bailarina professava idéias republicanas. Aluna do famoso mestre e coreógrafo Carlo de Blasis, o autor do importante *Trattato Elementare dell’Arte della Danza* (1820), havia estreado aos doze anos na sua cidade natal para em seguida ser figura indispensável na companhia de dança do teatro “Alla Scala” de Milão. Em 1847 dançou no “Covent Garden”, fazendo um sucesso extraordinário; o público de Londres proclamou-a “pérola da dança” (D’AMICO, 1954-1968).

Após o fracasso da revolução de 1848 na Europa, pai e filha foram obrigados a fugir; embarcaram a bordo do “Andrea Doria” e, ao fim de várias peripécias, chegaram ao Rio de Janeiro.

A Baderna foi recebida na corte com todas as honras. D. Pedro e Teresa Cristina Maria, grandes amantes da música, da dança, das artes em geral, abrigavam numerosos artistas, entre os quais os italianos eram particularmente valorizados no Brasil daquela época. Basta lembrar a amizade profunda entre os soberanos e a atriz Adelaide Ristori, musa incontestável dos palcos do mundo inteiro (VANNUCCI, 2004).

Imediato e extraordinário foi o sucesso de Marietta no Rio; multidões de fãs lotavam os teatros a cada apresentação. Para além da técnica primorosa, a Baderna mostrava expressão e beleza capazes de obscurecer o brilho das divas do canto lírico. Porém, sempre à frente do seu tempo, interessou-se pelos ritmos afro-brasileiros saindo às ruas para ver e aprender o requebrar de negras e mulatas. Ficou seduzida ao ponto de ter a ousadia de se exhibir, no “Teatro São João”, numa umbigada e num lundum, danças com movimentos bastante ousados para aqueles tempos.

Muitos gritaram ao escândalo, formando-se logo dois partidos: o dos moços burgueses e aristocratas empolgados com a sua arte e beleza, que misturavam a paixão pela dança com a paixão pela política, considerando a Baderna um símbolo da luta pelos ideais mais avançados; do outro lado, os conservadores, segundo os quais a atitude da bailarina era não apenas imoral, mas também perigosa por ser um estímulo à subversão, à desordem social.

As escassas notícias sobre a bailarina no Brasil vêm de um curto texto de Moacir Werneck de Castro (1990) e de um livro do pesquisador italiano Silverio Corvisieri (1998).

O de Werneck de Castro, apesar de ser intitulado “Verdadeira Historia de Maria Baderna”, é mais um texto de ficção do que um relato baseado em documentos. O próprio autor admite ter abusado da “licença poética”, falando de uma mulher que trocou a arte pelo amor e pela Revolução e levava vida dupla: “De noite, espetáculos no Teatro São João; de dia, confabulações sediciosas” (p. 108). O desfecho desta vida aventureira teria sido misterioso, terrível: “O diabólico espírito da Baderna ficou pairando sobre o Rio de Janeiro. E ainda hoje nos persegue, excitando uns e aterrorizando outros” (p. 110).

Já o livro de Corvisieri é fruto de uma pesquisa baseada em documentos, jornais e revistas da época do Segundo Império. Ele informa que as últimas notícias comprovadas da bailarina são de 1865, quando ela teria voltado ao palco no “Teatro Lírico Fluminense” a 20 de Agosto, fazendo grande sucesso. Depois, escreve Corvisieri, não temos mais notícias dela: a Baderna desapareceu literalmente, ficando o seu destino para sempre um mistério.

A palavra *baderna*, todavia, permanece na língua portuguesa da Brasil como sinônimo de confusão, desordem, ausência de regras. Ao consultarmos o *Novo Aurélio*, encontramos dois verbetes. O primeiro menciona: “**baderna** [Do it. *baderna* ou do fr. *baderne*]. *S.f. Marinh.* Botão provisório que se faz no tirador de uma talha, no colhedor de uma enxárcia etc.”. Já o segundo é mais curioso: “[Do antr. Baderna, de uma dançarina que esteve no Rio em 1851]. *S.f. Bras.* 1. Grupo de rapazes alegres, barulhentos. 2. Súcia, corja. 3. Pândega, estroinice. 4 Desordem, confusão, bagunça, bagunçada”. O dicionário registra ainda o verbo **badernar**, com o significado de “transformar em confusão, anarquizar”.

As brigas entre os fãs da bailarina e os seus adversários, portanto, entraram na linguagem comum do Brasil, cristalizando-se no substantivo **baderna**. Temos assim mais um exemplo marcante da herança italiana, com penetração duradoura no imaginário coletivo dos brasileiros (AVELLA, 2008, p.87).

No âmbito de uma renovada geografia cultural, o tão falado predomínio da influência cultural francesa poderá ser revisto, sendo redimensionado como fenômeno de elite, enquanto a influência italiana se projetou em todos os estratos sociais.

A este propósito, são de grande significado as expressões usadas por Antonio Candido na sua apresentação dos ensaios de Sérgio Buarque de Holanda, publicados em *Capítulos de Literatura Colonial*:

A principal conseqüência é, como já ficou sugerido, o vulto adquirido pela literatura italiana, ao contrário do que ocorre em estudos anteriores e mesmo posteriores à composição destes originais, escritos certamente no decênio de 1950. Estudos que, marcados pela nossa dependência em relação à França, sobretudo a partir da Independência, tenderam a dar maior relevo à influência francesa em detrimento de outras. Sérgio não a esquece, pelo contrário, mas a situa em plano mais discreto e com isso muda as perspectivas (BUARQUE DE HOLANDA, 1991, p. 19).

Mudadas as perspectivas neste sentido, será mais fácil analisar e compreender as dinâmicas dos processos históricos que, como o próprio Sérgio Buarque de Holanda escreveu, envolvem “dois povos, duas culturas tão distantes entre si no espaço, mas tão próximas nas suas raízes comuns e seculares” (BUARQUE DE HOLANDA, 2002, p. 109).

Referencias

AVELLA, Aniello Angelo. “A Itália e o Quinto Centenário do Descobrimento do Brasil”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 420, 2003, pp. 225-231.

----- . “A Itália dos Brasileiros: História, Mito, Criação Literária”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 425, 2004, pp. 95-105.

----- . “A Imperatriz e a Bailarina. Vida, Ficção e Morte numa História Ítalo-Luso-Brasileira”. *Actas da Jornada de Estudos Italianos em Honra de Giuseppe Mea*. Porto: Sombra pela Cintura, 2008, pp. 81-87.

BRAGANÇA, Anibal. *Livraria Ideal, do Cordel à Bibliofilia*. Rio de Janeiro: Edições Pasárgada, 1999.

BRANNINGAN, John. *New Historicism and Cultural Materialism*. New York: St. Martin's Press, 1998.

BURKE, Peter. *What is Cultural History?* Cambridge: Polity Press, 2004.

CALMON, Pedro. *O Rei Filósofo. Vida de D. Pedro II*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

----- . *História de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. 5 vols.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos*. São Paulo: Martins, 1957.

----- . *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II. Ser ou não Ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTRO, Moacir Werneck de. *A Ponte dos Suspiros*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Martins, 1960.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL Zeny. (orgs.). *Geografia Cultural: um Século*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

----- . (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Geo UERJ - Ano 12, nº. 21, v. 2, p. xx-xx 2º semestre de 2010.

www.geouerj.uerj.br/ojs ISSN 1981-9021

- CORVISIERI, Silverio. *Badernão. La Ballerina dei Due Mondi*. Roma: Odradek, 1998.
- D'AMICO, Silvio. *Enciclopedia dello Spettacolo*. Roma, 1954-1968.
- DE BONI, Luis A. (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987. 2 vols.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GREENBLATT, Stephen. "Towards a Poetics of Culture". In Aram Veser, A. (ed.). *The New Historicism*. New York-London: Routledge, 1989.
- HERKENHOFF, Paulo. *Biblioteca Nacional. A História de uma Coleção*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1997.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. "Apporto Italiano nella Formazione del Brasile". *Ausonia*, n. 5, 1954, pp. 9-20.
- . *A Contribuição Italiana para a Formação do Brasil*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1972-1977. 9 vols.
- . *Capítulos de Literatura Colonial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- . *O Espírito e a Letra. Estudos de Crítica Literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- . *Capítulos de História do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. "Introdução". In GRILLO, Wanda F. e COLACURCIO, Paola. (orgs.). *Teresa Cristina Maria. A Imperatriz Silenciosa*. Rio de Janeiro: Instituto Italiano di Cultura-Museu Imperial, 1997-1998.
- LYRA, Heitor. *História de D. Pedro II*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938-40. 3 vols.
- MAURO, Frédéric. *O Brasil no Tempo de D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MELLO e SOUZA, Laura. "Sérgio e a Itália". *Folha de São Paulo*, 8/XI/2003.
- SCHIAVO WEYRAUCH, Cléia. *Deus abençoe esta Bagunça. Imigrantes Italianos na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Comunità, 2009.
- SCHWARZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um Monarca nos Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SIMMEL, Georg. *Soziologie: Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*. Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1999.
- TRENTO, Angelo. *Do outro Lado do Atlântico*. São Paulo: Instituto Italiano di Cultura; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.
- VANNI, Julio Cezar. *Italianos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Comunità, 2000.

VANNUCCI, Alessandra. *Uma Amizade Revelada*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

Enviado para publicação em setembro de 2010.
Aceito para publicação em outubro de 2010.